



## Narrativas de reexistência: as sobrevidas da memória em Hanói, de Adriana Lisboa, e A noite da espera, de Milton Hatoum

Narratives of re-existence: the survivals of memory in Hanoi, by Adriana Lisboa, and A noite da espera, by Milton Hatoum

Dossiê: a literatura e os fins do capitalismo

Ilse Maria Rosa Vivian\*

ORCID: 0000-0002-3788-1572

E-mail:  
ilsevivian@hotmail.com

Recebido: 01/06/2024  
Aprovado: 16/09/2024

### Resumo:

A Literatura Brasileira das últimas décadas tem sido constituída por um conjunto de obras que põe em relevo as tessituras entre as implicações do discurso da memória e a crise agravada desde o início do século, pautada por uma série de demandas sociais que colocam em xeque o tripé estruturante dos modos de vida desde a Modernidade – classe, gênero e raça. À luz dos Estudos Decoloniais, realiza-se a leitura de duas narrativas, Hanói (2013), de Adriana Lisboa, e A noite da espera (2017), de Milton Hatoum, as quais, ao articular memória e identidades, problematizam a constituição do ser e do saber, interrogando a naturalização das hierarquias sociais, territoriais, raciais, culturais e epistêmicas. Entende-se que essas narrativas, em que preponderam diferentes articulações da memória, configuram-se como práticas de reexistência, uma vez que, ao narrar a própria vida a partir da experiência localizada em confronto à homogeneização cultural e às violências produzidas pela Modernidade e seus capitalismos, são recuperados significados e valores de comunidades, construções simbólicas que interpelam o leitor não apenas a perceber, mas a experimentar aspectos negligenciados pela história oficial.

### Palavras-chave:

narrativa contemporânea; memória; identidades; reexistência.

### Abstract:

Brazilian Literature in recent decades has been constituted by a set of works that highlights the textures between the implications of the discourse of memory and the crisis that has worsened since the beginning of the century, guided by a series of social demands that call into question the tripod structure of ways of life since Modernity – class, gender and race. In the light of Decolonial Studies, two narratives are read, Hanói (2013), by Adriana Lisboa, and A noite da espera (2017), by Milton Hatoum, which, by articulating memory and identities, problematize the constitution of being and knowledge, interrogating the naturalization of social, territorial, racial, cultural and epistemic hierarchies. It is understood that these narratives, in which different articulations of memory predominate, are configured as

\*Doutora em Letras (2014-CNPq) pelo Programa de Pós-graduação em Letras (CAPES 6) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, com Estágio de doutorado (2012-CAPES) na Universidade de Coimbra, Portugal. Mestre em Letras (2004,CNPq) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Licenciada em Letras (2000) pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Pós-doutorado (CAPES) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

practices of re-existence, since, when narrating one's own life from the experience located in confrontation with cultural homogenization and the violence produced by Modernity and its capitalisms, meanings and values of communities are recovered, symbolic constructions that challenge the reader not only to understand, but to experience aspects neglected by official history.

**Keywords:**

contemporary narrative; memory; identities; re-existence

Os questionamentos levantados pela obra literária a respeito de si própria e em relação à realidade em que o objeto estético se insere são algumas das interrogações que preocupam o estudioso de Literatura. Nos domínios da linguagem narrativa literária do século XXI, a perturbação das fronteiras de territórios e o obscurecimento das linhas que separam presente, passado e futuro têm sido signos de expressão que caracterizam novas formas de conceber o mundo. Em tempos passados, caberia perguntar: que formas de arte literária expressam nosso tempo? Hoje, parece mais adequada a indagação: que mundo a Literatura deseja? Essa questão poderia nos levar a pensar que, tecida como prospecção de mundo possíveis, a Literatura se afastaria dos problemas enfrentados em nossos dias. Ao contrário, a Literatura Brasileira do século XXI tem se afirmado pela reinvenção de realismos, demonstrando que quando a realidade sucumbe à força da palavra, à incerteza do tempo, à indeterminação dos espaços instituídos, o universo literário torna-se ainda mais vivo.

A partir disso, convém também indagar se a Literatura da atualidade, produzida nas zonas de imprecisão em que se contestam fatos e imaginação, reveste-se de significados anti-históricos e anticapitalistas, repercutindo, com base nas incógnitas do passado, a urgência de novas e outras narrativas. Dessa perspectiva, a construção do discurso da memória torna-se um elemento perturbador e visceral. É ela que tem sido protagonista numa variedade de obras brasileiras produzidas nas últimas décadas, atribuindo diferentes formas e valores aos processos identitários operados pelas figurações que culminam, para além de simples histórias de vida, em narrativas de comunidades.

A construção de memória na Literatura ganha ainda mais vitalidade se considerarmos o conceito de pessoa atribuído à personagem por Michel Zérafra na obra *Pessoa e personagem* (2010). Para Zérafra (2010, p. 457), a personagem origina-se de um modo de constatação da realidade associado à determinada visão da existência humana: “entre a pessoa possível, ou essencial, e as dificuldades que se opõem à sua realização, a personagem é mediadora. A personagem é o significante da pessoa”. A composição da personagem perpassa, assim, o complexo e contraditório universo da busca pela legitimação da própria existência, sua situação no mundo e suas relações com os mundos

possíveis que a Literatura é capaz de projetar. O trabalho da memória, então, que reatualiza o passado e lança-se sobre a História para ressignificar o presente, torna-se decisivo na obra literária, sobretudo, por constituir-se como um movimento discursivo que, colocando à prova as relações entre a experiência pessoal e a história oficial, entre os sujeitos e o mundo, atribuindo-lhes novos sentidos, recria e legitima existências antes negligenciadas ou relegadas ao silenciamento.

Nesse sentido, entendemos a composição da memória no romance contemporâneo, sob a perspectiva dos Estudos Decoloniais, como um recurso de reexistência, isto é, como dispositivo que, de forma individual ou coletiva, elabora sistemas de representação a partir da enunciação localizada e de experiências que escapam ou confrontam padrões de poder legitimados e/ou impostos por instituições reguladoras e que trabalham em prol da hegemonia cultural. Conforme explica Adolfo Albán Achinte,

Las estéticas de re-existencias son las del descentramiento, las de los puntos de fuga que permiten visualizar escenarios de vida distintos, divergentes, disruptivos, en contracorriente a las narrativas de la homogenización cultural, simbólica, económica, socio-política, las que se ubican en las fronteras donde a la institucionalidad le cuesta cooptar las autonomías que se construyen y en esos espacios liminares en que el poder se fractura y deja ver las fisuras de su propia imposibilidad de realizarse plenamente. (ACHINTE, 2012, p.292)

Com base nessas considerações, queremos observar as implicações discursivas da memória na Literatura Brasileira a respeito das tessituras que se estabelecem entre a crise agravada desde o início do século, pautada por uma série de demandas sociais que colocam em xeque o tripé estruturante dos modos de vida desde a Modernidade<sup>2</sup> – classe, gênero e raça –, e o crescente aparecimento de romances brasileiros, nas últimas décadas, que privilegiam em suas construções as estratégias do discurso de memória na composição de narrativas de vida. Para isso, elegemos dois romances em que preponderam diferentes articulações da memória, *Hanoi* (2013), de Adriana Lisboa, e *A noite da espera* (2017), de Milton Hatoum, os quais, embora com estruturas e temas diversos, ao contemplar a problemática das identidades, evocam aspectos da crise social, política e ideológica materializada, hoje, em movimentos sociais e culturais de natureza identitária.

Uma vez que essas obras trazem ao primeiro plano da trama das subjetividades o cenário brasileiro da ditadura, da culturalização das experiências sociais, do lugar do migrante latino-americano, das diásporas e das violências de gênero e raça, consideramos pertinente estabelecer a interlocução com noções propostas pelos Estudos Decoloniais, cuja abordagem pressupõe que, muito além dos aparatos físicos de domina-

---

<sup>2</sup> “La perspectiva de sistema mundo es clave para entender cómo se produce la modernidad, expandiendo a escala planetaria las formas políticas y económicas propias de la experiencia europea, y sus repercusiones en todos los ámbitos de la vida hasta el presente. El sistema-mundo moderno es producido en el proceso de expansión colonial europea, que conecta por primera vez las diferentes regiones del planeta dándole así una nueva escala (global). Desde entonces, las experiencias locales de cualquier región del planeta se hacen impensables por fuera de su interconexión en el marco de este sistema mundial.” (RESTREPO, 2009, p. 11)

ção dos colonialismos, o processo de colonialidade “es um fenómeno histórico mucho más complejo que se extiende hasta nuestro presente y se refiere a um patrón de poder que opera a través de la naturalización de jerarquias territoriales, raciales, culturales y epistémicas, possibilitando la re-production de relaciones de dominación” (RESTREPO, 2010, p. 9).<sup>3</sup>

É inegável que, ao longo da história, a recorrência à retórica narrativa, como nos mostra Edward Said em *Cultura e imperialismo* (2011), tem sido instrumento para legitimar sistemas autoritários como os colonialismos e os neocolonialismos que assolaram e, em muitos aspectos, continuam afetando, em especial, a América do Sul, África e Ásia. Nesse âmbito, convém ter em conta a profunda e estreita relação há muito estabelecida entre formas narrativas e suas repercussões para a consolidação de matrizes de poder e seus sistemas-mundo. Segundo Said,

os processos imperialistas ocorreram além do plano das leis econômicas e das decisões políticas, e — por predisposição, pela autoridade de formações culturais identificáveis, pela consolidação contínua na educação, literatura, artes visuais e musicais — manifestaram-se em outro nível de grande importância, o da cultura nacional. (SAID, 2011, p. 45)

Mas, se muitas narrativas literárias dos grandes impérios serviram ou servem aos interesses da colonização, é premente destacar que a Literatura dos países subalternizados, seja de forma direta ou indireta, nos momentos mais adversos de suas histórias, nunca deixou de reagir e manifestou-se como espaço de libertação e enunciação identitária - do que podem ser exemplos as Literaturas Angolana e Moçambicana -, reelaborando-se tanto nas formas de se relacionar com as realidades do país quanto como contradiscurso a estéticas anteriores, e, nesse caso, no Brasil, basta lembrarmos das contundentes obras de Machado de Assis, hábil e audacioso crítico do Império, da República e dos vícios da sociedade oligárquica e capitalista, ou das obras de Graciliano Ramos e de Guimarães Rosa, reveladoras da desumanização, dos ciclos de devastação e exploração humana. Essas são algumas, apenas, dentre as muitas obras que atuaram decisivamente contra regimes autoritários, bem como para a renovação do gênero romanesco brasileiro.

A literatura brasileira pós-64, com a escalada da violência do poder repressor, coloca em segundo plano os temas universais e mesmo os nacionais para tratar de assuntos que “no particular e no cotidiano, na cor da pele, no corpo e na sua sexualidade, representariam uma alavanca que pudesse balançar a sólida e indestrutível planificação do Estado militarizado” (SANTIAGO, 2002, p. 19). A ruptura dessa literatura com a anterior, conforme Silviano Santiago (2002), pode ser detectada a partir

---

<sup>3</sup> “é um fenómeno muito mais complexo que se estende ao nosso presente e se refere a um padrão de poder que opera através da naturalização de hierarquias territoriais, raciais, culturais e epistémicas, possibilitando a reprodução das relações de dominação” (tradução nossa).

da ausência do otimismo social construtivo e edificante: “num país de tradição bacharelesca e jesuítica, sabe-se finalmente o que otimismo e retórica recobrem”.

Nas últimas décadas, em meio à prosa de vigência histórica que se desenvolve, voltada a rever o passado do país, recobrando a penumbra de situações histórico-sociais apagadas ou relegadas ao esquecimento pela história oficial, percebemos, pelo viés da memória, uma produção literária que tematiza o percurso desconcertante da (des)legitimação do ser e do saber, explicitando as possibilidades de afirmação e existência tanto ao nível do pessoal como no campo do coletivo, problematizando as relações eu/outro e seus modos de produção, seus lugares e hierarquias. A Literatura Brasileira tem sido constituída pela multiplicidade de expressões identitárias, evidenciando tanto as fronteiras e os trânsitos que operam nas relações de poder, quanto o trajeto na busca por libertação e pertencimento.

*Hanoi* (2013), de Adriana Lisboa, é uma narrativa que, pode-se dizer, inicia com a queda das personagens, fruto das vivências adquiridas no complexo e caótico mundo capitalista e globalizado. David, Alex e Trung são caracterizados pela solidão, desesperança e exaustão. Aos 32 anos, David, um músico, descobre que, devido ao câncer, tem pouco tempo de vida. A seguir, apresenta-se Alex, “quando finalmente parecia que Alex daria conta de tudo sozinha, Huong, sua mãe, e Linh, sua avó, deixaram Chicago e foram morar a cinco horas dali, numa cidadezinha de quinze mil habitantes. Fazia mais sentido. Elas não tinham nascido para milhões” (LISBOA, 2013, p.16). Alex, mãe solteira, tenta conciliar a maternidade com o trabalho e o estudo. Trung, chefe de Alex, por sua vez, “tinha olheiras tão profundas que era como se alguém o tivesse maquiado para uma peça de teatro” (LISBOA, 2013, p.15) e vivia com as memórias dos campos de reeducação, “onde Alex sabia que, entre outras coisas, tinha trabalhado nas minas terrestres. [...] Dos meses no campo de refugiados na Malásia” (LISBOA, 2013, p. 27). O movimentado e competitivo mundo de Chicago, na visão de Alex, requer resiliência, mas “como é que os corações – e os estômagos, e os pés, e outras partes do corpo – doíam em cada um. Qual o grau de tolerância de cada um.” (LISBOA, 2013, p. 17)

Os trânsitos e as historicidades são componentes primordiais na composição da trama que se constitui a partir das experiências das zonas de exclusão em que se situam as personagens, seja em Chicago, a terra vendida como promessa para uma vida melhor, seja em seus lugares de origem, de onde foram banidos ou por causa da guerra ou por falta de trabalho. *Hanoi* tem como espaço, no tempo presente da voz narrativa, a Chicago do subúrbio, onde se encontram a loja de material de construção onde trabalha David e o precário mercado asiático de Trung, onde trabalha Alex. Não por acaso, esse ~~espaço, realçado~~ espaço, realçado em contraste com o ambiente rural escolhido pela mãe e avó de Alex para viver, constitui um microcosmos representativo de um mundo globalizado em pleno

processo de expansão, que cada vez mais aprofunda o descentramento cultural e a crise das personagens. Conforme afirma Stuart Hall,

A nova fase pós-1970 da globalização está ainda profundamente enraizada nas disparidades estruturais de riqueza e poder. Mas suas formas de operação, embora irregulares, são mais "globais", planetárias em perspectiva; [...] Como outros processos globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compressões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre a cultura e o "lugar". Disjunturas patentes de tempo e espaço são abruptamente convocadas, sem obliterar seus ritmos e tempos diferenciais. As culturas, é claro, tem seus "locais". Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originam. O que podemos mapear é mais semelhante a um processo de repetição-com-diferença, ou de reciprocidade-sem-começo. (HALL, 2003, p. 36-7)

Embora naturais de Chicago, David e Alex comungam os sentimentos de exclusão, de perda e não pertencimento. A desterritorialização de David e as dificuldades de tradução cultural tem origem na história de vida de seu pai e de sua mãe, Luiz, um brasileiro que, em busca de melhores condições de vida, migrou para os Estados Unidos no fim dos anos setenta, e Guadalupe, a mãe mexicana que, à procura de trabalho, sem alternativa, recém-chegada na nova terra trabalha como babá. A diáspora familiar é apresentada por meio de um narrador que, embora em terceira pessoa, desliza constantemente para o interior das personagens para evocar pela lembrança as origens culturais e as zonas de exclusão, como no fragmento abaixo, momento em que David, para suplantar as dores da doença terminal, recorre à memória da língua falada pelos pais:

Alegria. Era preciso alegria. Pensar em Cartola cantando “A cor da esperança”. *Amanhã a tristeza vai transformar-se em alegria* e pronto. O trompete como se cantasse. O trompete como se cantasse na língua de Cartola, que era também a língua de um brasileiro anônimo saído da cidade de Capitão Andrade e migrado para o mundo de possibilidades dos Estados Unidos da América no fim dos anos setenta - o pai de David, cuja insistência em falar português dentro de casa tinha sido o responsável por David ser razoavelmente proficiente na língua. Luiz, o capitão-andradense pai de David, não tinha feito isso por princípios. Não conseguia aprender o inglês a um nível que pudesse considerar confortável. Não conseguia nem mesmo parar de fazer cerimônia com o espanhol falado por Guadalupe, a mãe mexicana de David, de modo que Guadalupe acabou se convertendo e o português virou a língua oficial da família. (LISBOA, 2013, grifo da autora, p.40)

A lembrança musical de David, que remete à língua materna de seu pai, é a referência palpável que pode servir de refúgio e segurança frente à fugacidade e finitude da vida presente. Trung, Huong e Linh, os vietnamitas refugiados que compõem a diáspora familiar de Alex, partilham da condição de deslocamento experimentada por Luiz e Guadalupe “os três eram irmãos que a guerra havia reunido dentro de um buraco, um fosso. Lá em cima havia luz e ar puro, mas não era para eles.” (LISBOA, 2013, p.45). Como afirma Edward Said, deve-se considerar as implicações políticas e de diferentes naturezas das experiências dos exilados:

Embora seja verdade que toda pessoa impedida de voltar para casa é um exilado, é possível fazer algumas distinções entre exilados, refugiados, expatriados e emigrados. O exílio tem origem na velha prática do banimento. Uma vez banido, o exilado leva uma vida anômala e infeliz, com o estigma de ser um forasteiro. Por outro lado, os refugiados são uma criação do Estado do século XX. A palavra "refugiado" tornou-se política: ela sugere grandes rebanhos de gente inocente e desnorteada que precisa de ajuda internacional urgente, ao passo que o termo "exilado", creio eu, traz consigo um toque de solidão e espiritualidade.” (SAID, 2011, p. 54).

A conotação política da condição do refugiado, apontada por Edward Said acima, e suas relações com o sistema capitalista fomentado pelo Estado, vai ganhando forma e profundidade a partir das experiências de cada personagem. À medida que avança a narrativa, as memórias do passado de vigilância, banimento e opressão vividos pelos emigrados e refugiados Luiz, Guadalupe, Trung, Huong e Lihn, o estranhamento, o anonimato, a solidão, as dificuldades, o medo da alfândega, “os meses no campo de refugiados na Malásia” (LISBOA, 2013, p. 37) e o sentido desnorteado perante a vida intensificam-se e adquirem existência pelas lembranças de David e Alex. A evocação do passado familiar passa a iluminar e a atribuir sentidos às sensações sufocantes do presente experimentadas por David e Alex, cujas interioridades contrastam com o exterior das imagens vendidas pela televisão norte-americana: “Manadas de gazelas correndo na savana. Nuvens de pássaros num céu sem limites.” (LISBOA, 2013, p. 53).

A transitoriedade e o vazio da vida, como no caso de David, que vive sob a iminência da morte, como no caso de Trung e seus problemas de saúde em consequência do excessivo trabalho no mercado asiático ou como no caso de Alex e a constante exaustão para conciliar os cuidados com o filho, os estudos e o trabalho, e as impossibilidades de condições melhores de vida contrastam com o cenário de uma Chicago idealizada pelos antepassados e vendida como promessas de vida em abundância. No contexto da cidade de Chicago e suas formas de precarização, lugar que Alex percebe como “para lá de inóspito” (LISBOA, 2013, p. 93) e que produz em David “uma solidão maior e mais funda do que imaginava possível” (LISBOA, 2013, p. 57), a vida de cada um é insignificante frente “à engrenagem do mundo, rodando sempre, parafusos, porcas, molas. A ex-namorada de David reatando com o ex-noivo. Eventos sucedendo a eventos, coisas sendo e deixando de ser” (LISBOA, 2013, p.99).

Em confronto com esse universo exterior globalizado e vertiginoso, em que, aparentemente, tudo prospera, as subjetividades são revitalizadas pelas memórias fragmentadas de cada personagem, recompondo, da perspectiva existencial, o passado perdido que atravessa e é encoberto pelo presente: “A alma de Trung tinha ficado em algum lugar lá atrás, entre florestas vivas e florestas calcinadas e memórias confusas, ou então no meio do oceano e de barcos circundados de cadáveres que iam se perdendo no escuro da noite como boias disformes.” (LISBOA, 2013, p. 46). As historicidades entrelaçam-se, e as dificuldades de ambas as famílias, revitalizadas em cores pelas lem-

branças de David e Alex, traçam o único caminho palpável para o reconhecimento de si e a legitimação da própria vida. O discurso da memória em trânsito surge, portanto, em relação à história dos refugiados e imigrantes, como pós-memória, mediado pela percepção, real ou imaginária, de David e Alex, último recurso para atribuição de sentidos à própria vida e, do ponto de vista identitário, uma chance de estabelecerem algum vínculo com o degradante, fugaz e limitado presente.

Pode-se dizer que *Hanoi* constitui-se a partir da poética de sujeitos deslocados, cuja memória, reverberando a história política subjacente aos processos de migração e de hierarquias raciais, explicita a dimensão dos efeitos dos capitalismo na composição dos processos identitários. Stewart Hall (2010, p. 346) observa que “la relación que las personas del mundo ahora tienen con su propio pasado es, por supuesto, parte del descubrimiento de su propia etnicidad”. Segundo o autor, a recuperação do passado pela memória na constituição das identidades perpassa o resgate das etnicidades, uma vez que a construção das diferenças está na base do projeto moderno/capitalista e

la relación de la etnicidad con el pasado no es sencilla, no es una relación esencialista sino construida. Es construida en la historia, es en parte construida políticamente. Forma parte de la narrativa. Así que esta clase de nueva etnicidad — de las etnicidades emergentes— tiene una relación con el pasado, pero es una relación que es en parte a través de la memoria, en parte a través de las narrativas, que se tiene que recuperar. Es un acto de recuperación cultural. (HALL, 2010, p. 347)

Composta como pós-memória, a partir da visão de David e Alex, esse discurso, de caráter inacabado e fragmentário, torna-se capaz de ressignificar o olhar sobre os migrantes e refugiados, bem como sobre os prolongamentos dos efeitos das políticas do passado sobre as vidas presentes. Tal como afirma Beatriz Sarlo, a natureza das subjetividades postas em questão pelo discurso da pós-memória impede qualquer forma de totalização, pois “esburacados, mais evidentes por seus vazios que por seus cheios, os discursos da pós-memória renunciam à totalização não só porque nenhuma totalização é possível, mas porque eles são destinados essencialmente ao fragmento.” (SARLO, 2007, p.102).

O encontro entre David e Alex, contrariando os desencontros do frenético mundo de Chicago, que conspira para a subjugação imposta por um sistema que os ignora, divide e afasta, como frutos de etnias inferiores, “peças anômalas” (LISBOA, 2013, p. 73) que a agência de refugiados “tentava encaixar na sociedade” (LISBOA, 2013, p. 73), representa a abertura para a projeção de outras memórias. O desejo de conhecer a capital vietnamita, Hanói, transforma-se em prospecções de um mundo partilhado, “lugares onde era amanhã ou ontem” (LISBOA, 2013, p. 221), como imagina David, ou como projeta Alex: “em que as ruas acordavam com as pessoas”. A memória, que era do passado, antes circunscrita às origens e às diásporas familiares, ao final da narrativa, dá

lugar a uma memória liberta que imagina, deseja e projeta futuros possíveis: “Alguma coisa ficaria. Um traço dentro deles, algo que ia se deslocar um pouco para dar lugar à memória dos dias ali. Algo que nada tinha a ver com centenas de fotos, com suvenires baratos, com aventuras a serem narradas aos amigos e familiares.” (LISBOA, 2013, p. 237).

Em *A noite da espera*, de Milton Hatoum, narrativa em primeira pessoa, depara-mo-nos com a rememoração do passado agora posta em pequenos subcapítulos no formato de anotações em diário, uma variedade de textos que, ao final da parte que antecede o primeiro capítulo, serão retirados de uma sacola por Martim para a atividade de recomposição de sua história. Convém observar a epígrafe dessa obra, que já sugere o jogo com o pacto ficcional, ou seja, antecipa-se ao leitor a proposta de suspensão das fronteiras que separam realidade e narrativa, história e ficção:

A história que contei, ainda que fingida,  
Bem pode figurar o malefício  
De quantos exercemos o ofício  
De transformar em palavras nossa vida.  
J. L. Borges. “La luna”

O narrador e protagonista, Martim, que se encontra em Paris, reconstrói, a partir da ótica de exilado, sua história de vida desde o Colégio, quando se muda com o pai para Brasília e é afastado da mãe, até chegar à Universidade, período que recobre de 1968 a 1972, momentos dos mais obscuros da história do Brasil. A narrativa é composta de 25 capítulos numerados, cada um composto por fragmentos que apontam ao início, rua, mês e ano, simulando o formato de diário. Antecedem o primeiro capítulo, fragmentos que narram o cotidiano do presente vivido por Martim na capital francesa em 1977 e 1978, aos quais são intercalados anotações, lembranças, sonhos e cartas de amigos, formas que já indicam ao leitor o descompromisso com a linearidade no percurso de recuperação do passado:

Embolsei os francos e caminhei pelo Bois de Boulogne: árvores sem folhas, uma fina camada de gelo no solo, canto de pássaros invisíveis. A quietude foi assaltada por lembranças de lugares e pessoas em tempos distintos: Lázaro e sua mãe no barraco da Ceilândia, a voz do Geólogo no campus da Universidade de Brasília, a aparição da mulher no quarto de um hotel em Goiânia, o embaixador Faisão recitando versos de um poeta norte-americano: “Apenas mais uma verdade, mais um/ elemento na imensa desordem de verdades...” (HATOUM, 2017, p.12).

A paisagem “sem folhas”, feita de “camada de gelo”, “inverno e silêncio”, ilustra os sentimentos de Martim em Paris, um presente em nada distanciado da capital brasileira, lugar de solidão, de perdas e de desencontro na “na imensa desordem” do passado. Presente e passado são, assim, embaralhados pelo discurso do narrador. Ancorado em suas memórias, cartas, anotações de amigos e diários, Martim procura remontar a despedaçada história familiar e do país: “Tirei da sacola a papelada de Brasília-

lia e São Paulo: cadernos, fotografias, cadernetas, folhas soltas, guardanapos com frases rabiscadas, cartas e diários de amigos, quase todos distantes; alguns perdidos, talvez para sempre” (HATOUM, 2017, p.16).

A proposta de subversão temporal, que aponta para a vivência, é intensificada pela escolha dos gêneros textuais, os quais convergem para a expressão da experiência pessoal e em formatos informais – bilhetes, anotações, folhas soltas, cartas. É válido, nesse sentido, observar que os gêneros de escritas de si, como o diário, são objetos fundamentais para a compreensão do Eu, mas, dentre os aspectos de sua funcionalidade, talvez mais importante que isso, é o modo estratégico como interpela o leitor e nesse produz efeitos, somos chamados a testemunhar a composição da experiência de vida, cuja validade, prescindindo dos pactos com a verdade ou com a razão, recai sobre a identificação afetiva entre texto e leitor. Como observa Leonor Arfuch, ao analisar as formas autobiográficas, nesse espaço

um tanto mais livremente, o leitor poderá integrar as diversas focalizações provenientes de um ou outro registro, o “verídico” e o ficcional, num sistema compatível de crenças. Nesse espaço, podemos acrescentar, [...] esse leitor estará igualmente em condições de jogar os jogos do equívoco, das armadilhas, das máscaras, de decifrar os desdobramentos, essas perturbações da identidade que constituem topoi já clássicos da literatura. (ARFUCH, 2010, p. 56)

Além da proposta intersubjetiva contida nas formas autobiográficas recolhidas por por Martim, modalidades que pressupõem a primazia do leitor e, portanto, produzem o efeito de simultaneidade, o diário, em especial, requer a sintonia e a confiança entre leitor e texto, na medida em que se trata de um texto de natureza íntima e sigilosa. Diante da abertura do arquivo desordenado de Martim, somos, então, mais do que interpelados a testemunhar, chamados ao jogo de remontagem de uma história de vida. Dois temas movem a narrativa e são centrais para o desenvolvimento da trama que move percurso de reconhecimento do protagonista: a perda da mãe e, não por acaso, mais tarde, a perda da pátria, que resulta no doloroso exílio vivido em Paris:

Um expatriado pode esquecer seu país em vários momentos do dia e da noite, ou até por um longo período. Mas o pensamento de um exilado quase nunca abandona seu lugar de origem. E não apenas por sentir saudade, mas antes por saber que o caminho tortuoso e penoso do exílio é, às vezes, um caminho sem volta. (HATOUM, 2017, p.15)

À dor da distância que separa Martim de sua terra, somam-se as incógnitas em torno da figura da mãe, Lina, que, no Natal de 1967, separa-se de Rodolfo para ir viver com um pintor. A mãe, uma mulher que “aos dezenove anos acabara o colegial e queria estudar literatura na USP, mas Ondina [avó de Martim] a proibiu de morar na capital”, (HATOUM, 2017, p. 22), era quem mediava a conturbada relação de Martim com o violento e autoritário pai, Rodolfo, um engenheiro civil, formado na Escola Politécnica,

que acreditava que “o progresso e a civilização eram um triunfo da engenharia” (HATOUM, 2017, p. 22). A partir das anotações de dez anos antes, Martim relembra a ausência da mãe e os significados da vivência em família:

Quando minha mãe olhava para mim, podia intuir as palavras, emoções, advertências... O olhar dela dizia: Hoje você brigou no jogo de futebol, teu pai está aborrecido. Notas vermelhas no boletim: Teu pai está furioso. O homem, aborrecido ou furioso, não me olhava: a repreensão e o castigo eram anunciados com palavras e gestos. (HATOUM, 2017, p. 33)

A dilaceração do microcosmos familiar, composta por, de um lado, a mãe oprimida e, de outro, o pai conservador e autoritário, é ampliada na vida de Martim quando esse chega ao Colégio, momento em que passa a experienciar a conturbação social em que está mergulhado o Brasil desde o Golpe de 1964. Com a separação do casal, em 1968, Martim vai morar em Brasília com o pai, onde conhece amigos de um grupo de Artes Cênicas da UnB, com quem começa a tomar consciência das condições políticas e sociais do país. Paralela à rememoração da história pessoal de Martim, então, são narrados momentos históricos de um Brasil violento e em plena crise, apresentado, inicialmente, pelo mapa das hierarquias que organizam e dividem a cidade de Brasília:

“Não sabe o que é uma cidade-satélite? Então chegou há pouco tempo. E chegou mal informado”. Abriu um mapa do Distrito Federal, indicou favelas e cidades-satélites [...]” (HATOUM, 2017, p.27)  
Rodolfo se irrita com o acabamento do nosso bloco na quadra 406 e com os ratos e baratas no lixo espalhado no térreo; irrita-se por morar na Asa Norte, o setor da capital que aloja funcionários modestos do governo e estudantes que pagam um aluguel barato ou invadem apartamentos desocupados. Ele se julga um alto funcionário, um engenheiro civil qualificado, razão por que merecia morar na Asa Sul. (HATOUM, 2017, p.29)

A iniciação social, intelectual e amorosa de Martim, corroborando o trauma familiar, coincide com o regime de exceção, ambiente de forte repressão: “O desejo de ver Dinah na Igrejinha era tão grande quanto o medo” (HATOUM, 2017, p.41). Embora sem consciência, gradualmente, o protagonista é absorvido pela atmosfera de terror e medo: “Por que estava fugindo e me escondendo? [...] Só queria ir ao cinema.” (HATOUM, 2017, p.40). A repressão e a violência sobre os estudantes, que Martim presencia ao transitar por Brasília, é reproduzida nas atitudes de ódio do pai:

Nesta última semana de dezembro, Rodolfo empilhou revistas e jornais na mesa da sala e recortou fotografias do rosto de buldogue pelancudo do marechal Costa e Silva; coleciona rostos militares e civis (o ministro da Justiça que redigiu o AI-5), magistrados e políticos bajuladores) e rasga com raiva as fotos de políticos cassados. A mesa da sala ficou coberta de imagens de heróis do meu pai [...] como serpentinas de uma festa macabra. Tive uma vaga consciência de que Rodolfo estava enlouquecendo, percebia sintomas de loucura nos gestos e atitudes dele e me perguntava quem, ou o quê, ele odiava. (HATOUM, 2017, p.55)

Aos testemunhos do protagonista, que em casa é silenciado pelo pai e na rua presen-

cia torturas e assassinatos, são acrescidas, ainda, na composição do caótico cenário brasileiro, as cartas dos amigos, cujas vozes, segundo Martim, permitem refazer o doloroso percurso na escrita do diário: “Ainda estamos acuados no fundo da terra, cavando túneis, abrindo e fechando passagens nessa Construção que não acaba. Um abraço do amigo, Nortista” (HATOUM, 2017, p. 57). A voz narrativa descentraliza-se para interpor à memória individual a memória coletiva, pois, segundo Martim, “sem a memória dos outros eu não poderia escrever” (HATOUM, 2017, p. 71). Do mesmo modo, os meandros da política são apresentados pela voz direta de amigos de Martim, filhos de senadores e embaixadores, que avaliam o contexto a partir dos bastidores de Brasília:

Disse a Ângela que meu pai coleciona retratos e frases do marechal Costa e Silva. Agora o álbum está inchando com as fotos do general Médici e textos de decretos e atos institucionais.  
“Mas o teu pai é comum, Martim. O meu é senador, um líder. Apoiou o Médici quando a porra do Congresso elegeu esse militar presidente... Um congresso de merda. Pura farsa... essa eleição indireta foi uma farsa, quase tudo nesse país é uma farsa.” (HATOUM, 2017, p. 84).

A alternância temporal da voz narrativa que intervém do presente no passado para avaliar as perdas é outra estratégia que descentraliza a memória e, ao mesmo tempo, intensifica e prolonga o passado sobre o presente, reatualizando a repercussão das violências:

Um covarde que virou as costas para a manifestação. Lembro que fiz um último esforço de coragem para ir ao encontro com Dinah e dos meus amigos, o destemor deles me animava, e até Vana, medrosa e insegura, estava lá com o Nortista. Ainda dei uns passos na plataforma da rodoviária rumo à W3 Sul, mas a voz de Rodolfo surgia como uma advertência de um grande perigo: “Se você for preso mais uma vez, só Deus vai te libertar. [...] Agora eu entendo por que tua mãe não quis morar com você. Ninguém quis... tua mãe, tua avó... nem aquele teu tio lambe-lambe. [...] Não reagi ao tabefe no rosto. (HATOUM, 2017, p. 51-2)

Na mesma medida em que Martim se afasta do pai, desenvolve-se intelectualmente. Passa a trabalhar na livraria e a fazer parte do grupo de teatro da universidade, participa da criação da revista *Tribo*, assiste e discute filmes políticos, como os de Glauber Rocha, bem como cultiva leituras como obras de Flaubert, de Luandino Vieira, de Apollinaire, de Wallace Stevens, Auden e Rimbaud.

Diferente da memória em Hanói, que ao final da narrativa se projeta para o futuro e culmina com a sonhada cidade de Hanói como escapatória ao precário presente, em A noite da espera, é a escritura o *phármakon*, conforme o sentido atribuído por Jacques Derrida:

Não há remédio inofensivo. O *phármakon* não pode jamais ser simplesmente benéfico. (...) A essência ou a virtude benéfica de um *phármakon* não o impede de ser doloroso. (...) Esta dolorosa fruição, ligada tanto à doença quanto ao apaziguamento,

é um *phármakon* em si. Ela participa ao mesmo tempo do bem e do mal, do agradável e do desagradável. Ou, antes, é no seu elemento que se desenham essas oposições. (DERRIDA, 2005, p. 56-7).

A escrita do diário é, para Martim, simultaneamente, o remédio e o veneno para a eterna e frustrada espera pela mãe, para as despedidas, desencontros, fugas e anseios que compõem o tenso e violento período de sua formação. A fragmentação da narrativa, as bifurcações temporais e a recorrência a lembranças alheias se, por um lado, realizam de forma democrática a atividade de recompor o passado e trazer à luz aspectos que a história apagou, por outro, paradoxalmente, produzem o esquecimento, contingência das lacunas das lembranças. A memória, nesse sentido, como sistema de representação, na amplitude das suas próprias possibilidades, abre-se ao diálogo em condições de equidade, e cabe ao leitor, além do testemunho, posicionar-se frente à violência institucional e simbólica que paira sobre o país.

Outrossim, a escrita de Martim durante o exílio configura o ato de resistência e confrontação à lógica imposta, impregnada nessa sociedade desde a educação burguesa que recebeu da família classe média a que pertence até as estruturas de poder que regulam as políticas violentas e corruptas de Brasília. Ao interpelar o formato *Bildungsroman*, tão representativo da noção de individualismo que está na base do projeto da Modernidade, *A noite da espera* subverte as proposições estéticas, sociais, culturais e políticas pressupostas por esse gênero, cujas estruturas, pensadas por intelectuais alemães pós-iluministas, afirmaram os valores e os códigos da classe burguesa.

Por fim, convém observar a condição do exilado Martim, que, ao longo de toda a narrativa, é confrontada ao nacionalismo fanático do pai, Rodolfo. Segundo Said, a interação entre nacionalismo e exílio é construída de forma dialética, como na relação entre senhor e escravo:

todos os nacionalismos têm seus pais fundadores, seus textos básicos, quase religiosos, uma retórica do pertencer, marcos históricos e geográficos, inimigos e heróis oficiais. Esse *ethos* coletivo compõe o que o sociólogo francês Pierre Bourdieu chama de *habitus*, o amálgama coerente de práticas que ligam o hábito a habitação. Com o tempo, os nacionalismos bem-sucedidos atribuem a verdade exclusivamente a eles mesmos e relegam a falsidade e a inferioridade aos outros, como na retórica do capitalista contra o comunista (ou do europeu contra o asiático). E logo adiante da fronteira entre "nós" e os "outros" está o perigoso território do não-pertencer, para o qual, em tempos primitivos, as pessoas eram banidas e onde, na era moderna, imensos agregados de humanidade permanecem como refugiados e pessoas deslocadas.

Os nacionalismos dizem respeito a grupos, mas, num sentido muito agudo o exílio é uma solidão vivida fora do grupo: a privação sentida por não estar com os outros na habitação comunal. [...]

O exílio, ao contrário do nacionalismo, é um estado de ser descontínuo. (SAID, 2003, p. 49-50; grifos do autor)

A memória revitalizada a partir da condição de desterritorialização, abrangendo a história pessoal e coletiva, pode ser entendida como um discurso de reivindicação identitária constituída à margem do que concebe essa comunidade de si mesma. Perante a mercantilização da diversidade e da diferença, cada vez mais comum através de processos de alterização disseminados pelas mídias, *A noite da espera* e seus espaços simbólicos apresentam-se como exercício de outras formas de conceber a existência:

Desde esos miedos enmarañados por las tragedias históricas, es que han venido aflorando expresiones que, cargadas de localidad, aparecen dispuestas a dialogar con estas sociedades a veces sordas a los susurros de unas presencias que se resisten a quedar definitivamente abandonadas al olvido y al silencio, en ese drama perpetuo que todo lo aplaza y todo lo re-emplaza.<sup>4</sup>(ACHINTE, 2012, p. 290)

## Referências

ACHINTE, Adolfo Albán. Estéticas de la re-existencia: ¿Lo político del arte? In: MIGNOLO, Walter; GÓMEZ, Pedro Pablo. (Orgs.) **Estéticas y opción decolonial**. Bogotá: Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2012.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Rio de Janeiro, 2010.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **Sin garantías**. Instituto de Estudios Sociales y Culturales, Pensar., Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, 2010.

HATOUM, Milton. **A noite da espera**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

LISBOA, Adriana. **Hanói**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. **Inflexión decolonial**: fuentes, conceptos y cuestionamientos. Instituto de Estudios Sociales y Culturales Pensar, Maestría en Estudios Culturales, Universidad Javeriana, Bogotá: Editorial Universidad del Cauca, 2010.

---

<sup>4</sup>“Desses medos emaranhados por tragédias históricas, é que têm surgido expressões que, carregadas de localidade, aparecem dispostas a dialogar com estas sociedades, por vezes surdas aos sussurros de presenças que se recusam a permanecer definitivamente abandonadas ao esquecimento e ao silêncio, naquele drama perpétuo que tudo adia e tudo substitui”. (tradução nossa)

RESTREPO, Eduardo; ROJAS, Axel. **Introducción crítica al pensamiento descolonial**. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad Javeriana, Bogotá, 2009.

SAID, Edward. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio**. In: SAID, E. Reflexões sobre o exílio e outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra**: ensaios. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ZÉRAFFA, Michel. **Pessoa e personagem**: o romanesco dos anos 1920 aos anos de 1950. Trad. Luiz João Gaia e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2010.